

A VONTADE DO APARELHO: A existência do funcionário segundo o pensamento de Vilém Flusser

Filipe Augusto Marques Ferreira³³
Norval Baitello Junior³⁴

Resumo

O presente artigo diz respeito ao conceito de “aparelho” articulado na crítica sobre a técnica, no pensamento de Vilém Flusser. Partindo do princípio de que a vontade humana é atravessada por segmentos do exterior de si, de forma que o ambiente sobredetermina a nossa concepção de existência, o ambiente digital enredou o ser e sua vontade tornou-se comprometida: o mórbido tédio passou a ser o inimigo da produtividade. Em sentido cultural, estamos bem amparados com instrumentos que possam nos auxiliar no modo de estar no mundo? A cultura pós-moderna cumpre o seu papel de abrigar o ser humano em sua potencialidade? Do ponto de vista do trabalho, estamos sendo condicionados a ser meros funcionários de aparelhos? Questões como estas são aqui desdobradas à luz do argumento ontológico de Vilém Flusser.

Palavras-chave: Aparelho; Sociedade Pós-industrial; Vontade; Funcionário.

Abstract

This article explores the concept of "apparatus" as articulated in Vilém Flusser's critique of technology. Based on the idea that human will is influenced by external factors and that our environment shapes our conception of existence, the digital environment has entangled the being, compromising its will: morbid boredom has become the enemy of productivity. In a cultural sense, are we well-supported with instruments that can assist us in our way of being in the world? Does postmodern culture fulfill its role of accommodating human beings in their potentiality? From the perspective of work, are we being conditioned to be mere functionaries of apparatuses? Such questions are unfolded here in light of Vilém Flusser's ontological argument.

Keywords: Apparatus; Post-industrial Society; Will; Functionary.

Introdução

Vilém Flusser³⁵ foi um filósofo checo radicado no Brasil após a Segunda Guerra Mundial³⁶. Escritor ensaísta³⁷, produziu textos e artigos filosóficos sobre

³³ Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Cinema, pela Universidade Anhembi Morumbi. Especializado em Semiótica Psicanalítica, Clínica da Cultura na PUC-SP (2017). Licenciado em Filosofia pela Fapcom. Mestrando em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. E-mail: filipeaugustomf@gmail.com.

³⁴ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim. Professor da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Fundou o Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia (CISC). Presidente do Congresso Internacional de Comunicação e Cultura (ComCult) e diretor científico do Arquivo Vilém Flusser São Paulo. E-mail: norvalbaitello@pucsp.br.

³⁵ 1920-1991.

³⁶ O autor se refugiou no Brasil após ter sua família dizimada pelo campo de extermínio nazista.

³⁷ Flusser não é um filósofo sistemático. Suas monografias e artigos seguem o modelo de ensaio como método de desdobrar os problemas contemporâneos e tentar achar o maior número de possibilidades para debatê-los.

epistemologia³⁸, hominização, teoria da comunicação e ontologia³⁹. Este último é o tema do presente artigo. Trata-se do estudo de tudo aquilo que é por si mesmo, uma pesquisa sobre o ente das coisas e seu modo de ser, sua condição enquanto realidade. Para o presente trabalho nos restringimos à obra “Gerações”, com ênfase no último capítulo, intitulado “Penitência”, para um aprofundamento do argumento do autor. A escolha dessa obra se deu pelo fato de ter sido pouco trabalhada em artigos acadêmicos, devido ao seu lançamento póstumo ter ocorrido somente no ano de 2017⁴⁰.

Flusser faz um “tour de force” conceitual para acompanharmos o “*fenômeno deslumbrante do trajeto meteórico da sociedade ocidental*” (Flusser, 2017, p. 237), aproximadamente do ano 1350 até a segunda metade do século XX. A hipótese do livro “Gerações” é a de que a história do pensamento moderno é a busca pela realidade perdida que se passa em quatro tempos. As gerações que o autor aborda no título do livro são: o Renascimento, o período barroco, o Romantismo e a Era Vitoriana como raízes da crise epistêmica da atualidade. A primeira geração é nomeada pelo autor como “culpa”; a segunda, como “maldição”; a terceira, “castigo”; e a quarta, “penitência”.

A estrutura linguística é um paradigma que funciona como modelo de comportamento. Portanto, a estrutura da “realidade” é predicada da estrutura da língua que é utilizada para a elaboração dos assuntos. O conceito de “modelo” é um conjunto de sentenças que orientam o comportamento. O conceito de aparelho, no final do século XX, é a realização de um modelo, e sua funcionalidade é a prova empírica de sua validade. A circunstância digitalizada no século XXI segue o modelo da programação. Como funcionários, agimos e pensamos a partir da sobredeterminação dessa ontologia

³⁸ Episteme (ἐπιστήμη) é um conceito filosófico em que remete a um conhecimento científico trabalhado a partir de uma investigação metodológica, diferenciando, assim, da doxa (δόξα), que é o senso comum para a filosofia grega clássica. Ao longo da história, a filosofia sofreu mudanças no método de investigação. Dessa forma, o estudo filosófico que se ocupa em observar e analisar tais mudanças chama-se epistemologia.

³⁹ Ontologia é a parte da filosofia em que se estuda o modo de ser das coisas. Germinado a partir da filosofia grega clássica, principalmente com o pensamento sistêmico de Aristóteles, teve grande influência ao longo dos séculos, passando pela filosofia medieval até a modernidade. No entanto, um dos sintomas filosóficos da modernidade é a crise dos modelos. Consiste em uma espécie de relativismo dos sistemas de pensamentos, decorrente da extensa multiplicação de tipos de ciências. Assim, o modo de se pensar o ser das coisas passou a ganhar novas línguas. A partir do século XIX, a ontologia ganha novo vigor com o pensamento existencialista com Kierkegaard e na primeira metade do século XX com Sartre, Camus e Heidegger. Vilém Flusser, a partir do livro “Língua e Realidade”, segue a tese de que a multiplicidade de línguas carrega, em si, a multiplicidade de realidades e conseqüentemente formas distintas de se trabalhar a filosofia ontológica.

⁴⁰ Editora É Realizações.



alfanumérica. Do ponto de vista fenomenológico, a vontade humana é endógena, mas a representação é atravessada pela estrutura exógena que, no caso da contemporaneidade, é afetada pelo universo programático.

A ontologia flusseriana é antropológica. Sua análise parte da língua, como, por exemplo, a ciência para a Idade Moderna, para então analisar os aspectos de tal articulação da "realidade". A concepção de "significado" não está atrelada à "realidade", mas à coerência sintática com os "modelos" deliberadamente projetados. Essa é a definição de uma filosofia flusseriana como análise lógico-simbólica.

A alternância epistêmica (gerações), ocorrida ao longo dos séculos, se inicia com a perda do senso de realidade. Quando as sentenças do modelo começam a falhar na orientação para a realidade, surge a necessidade de um câmbio deliberado da inteligência com a melhor oferta para a demanda de estabilização. Seu modo de filosofar é um sobrevoo⁴¹ sobre as línguas, a fim de captar o caráter hegemônico entre os modelos. Assim, sua transcendência de todos os modelos é o seu modo de estar "*além do bem e do mal*"⁴². É uma fuga do aspecto totalitário comum a todos os modelos que sempre reclama para si uma validade total (Flusser, 2017, p. 175). Flusser reconhece que esse aspecto democrático dos modelos tem o perigo de querer reduzir todos os modelos como inválidos. O além de todos os modelos revela uma nova esfera, de um novo modelo que engloba todos os demais.

Para o autor, a capilaridade da tecnologia se dá não somente por mediar a comunicação humana, como também pela interferência dos modos de subjetividade: a condição de entendimento humano de sua realidade. Por uma escrita investigativa, corre pelo passado para circular os sinais sintomáticos da cultura e, por novas associações, religar o humano para o humano em sua principal potência: a de produção de sentido.

O livro "Gerações" traz duas hipóteses centrais: 1) O desterro arqueológico do passado pode nos ensinar sobre a situação atual, e 2) A nossa situação atual é percebida filosoficamente como transitória, e a alvorada angustiante tem como sintomas o tédio e a morbidez. Flusser, com sabedoria bifrontina, dá indícios de uma aurora filosófica.

⁴¹ O avião é utilizado constantemente no livro "Gerações" como metáfora de uma máquina irônica para abstrair a circunstância.

⁴² Referência ao livro homônimo de Nietzsche.



Compromete-se a contar a história cultural do ocidente a partir de elementos teológicos que fazem alusão à passagem bíblica de Êxodo 20:5: a culpa, a maldição, o castigo e a penitência são as vértebras de sua retórica irônica lançadas à superação da cena: o ocidente técnico que se globalizou.

Por meio dessa análise lógico-simbólica herdada em parte por Nietzsche⁴³ e por Wittgenstein⁴⁴, Flusser quer aparar as arestas de certas concepções históricas de conceitos para que estejam ativos para a tão almejada transvaloração de todos os valores. No entanto, a poeira conceitual do pensamento ocidental contribuiu com sujidade nos canais de percepção da realidade. Consequência disso, o ser humano se refugiou mais uma vez no imaginário para se afugentar do absurdo⁴⁵ da realidade. O argumento em voga não apela para o Hades do período grego-clássico e tampouco para o paraíso judaico-cristão: o virtual das superfícies imaginadas vai na contramão das duas primeiras, tece véus ao invés de rasgá-los⁴⁶. Assim como o cristianismo, dá continuidade ao desprezo à concretude. O pensamento moderno alienou o ser de si mesmo quando paulatinamente alterou sua ontologia. Para Flusser não importa se somos ou não cristãos, o que importa é que um dia fomos. Dessa forma, a análise lógico-simbólica partirá desses elementos culturais e no bojo dessa ideia guarda uma inevitável “teopoesia”.

Para superar a questão técnica, Flusser defende que não poderemos aderir à *tecnofilia*, nem à *tecnofobia*. Na cena cultural em que vivemos, estamos rodeados de

⁴³ No “Genealogia da Moral”, Nietzsche recorre a uma análise histórica e filológica da moral para criticar sintomas da cultura moderna.

⁴⁴ Ludwig Joseph Johann Wittgenstein (Viena, 26 de abril de 1889 – Cambridge, 29 de abril de 1951) foi um filósofo austríaco, naturalizado britânico, que traçou um tratado *Lógius-philosóficus* com meditações sobre a estrutura da língua não somente como uma ferramenta, mas como articuladora da realidade. Seu pensamento foi decisivo para o avanço da filosofia da linguagem.

⁴⁵ O conceito de “absurdo” é muito utilizado por Flusser, que faz um diálogo com o pensamento de Albert Camus (1913-1960). Basicamente esse conceito consiste na abertura do ser para o mundo da qual a significação nunca se dá de forma absoluta. Através do espanto, o ser humano traçou inúmeras interpretações e formulações para a realidade, que em si guarda um vazio semântico do qual nenhuma significação absoluta possa vesti-la. Camus reforça esse conceito de absurdo da realidade em um momento em que a cultura moderna passou a ser propagada como algo dado e acabado. Tal cristalização dos significados tem um efeito sintomático da perda de potência do ser como abertura para o mundo. O ser desprovido de espanto é um ser fadigado. A título de curiosidade, esse conceito de Camus foi fundamental para a formulação do conceito de Real em Lacan (um dos três registros da psiquê humana).

⁴⁶ O filósofo Arthur Schopenhauer foi responsável por fazer a ponte entre uma filosofia oriental budista para o ocidente. Em seu livro “O mundo como vontade e representação” analisa o véu de Maya como o causador dos enganos. A religião e a filosofia, segundo o autor, teriam a função de rasgar o véu do engano para desvelar a realidade. Em seu pensamento, o além das representações estaria à vontade em seu *status nascendi*.



instrumentos. Estes são coisas já manipuladas; cabe a nós o seu consumo ou a sua recusa. A proposta de Flusser é trazer o instrumento como problema, a fim de superá-lo e não aceitá-lo passivamente. Para a tecnologia ser transformada em outra coisa, deve-se pensar ontologicamente, e, para obter êxito na análise, deve-se pensar o ocidente processualmente.

Para Nietzsche, a condição humana deveria ser superada enquanto força inibidora da vontade e causa da fé fundante que intercepta o contato com a realidade. A esperança estaria posta no além do homem. O conceito de *Übermensch*⁴⁷ encarnou no aparelho, e o “paraíso técnico” é chamado por Flusser de “pós-história” por razões estruturais que serão apresentadas no presente trabalho.

Ficção de todos os valores

A ontologia flusseriana é um sobrevoo sobre o passado que tem como meta a superação das raízes culturais, e a reflexão da pós-história tem como meta superar os seus frutos.

[A idade moderna] é ela a época da predominância do ocidente sobre o globo terrestre. É ela a época da manipulação consciente da natureza pela razão disciplinada. É ela a época da transferência do interesse para o imanente. É ela, em suma, a época do humanismo. Manifesta-se, positivamente, como domínio do sujeito sobre o objeto, e, negativamente, como a esquizofrenia sujeito-objeto. (Flusser, 2017, p. 214)

A tese central do livro “Gerações”, de Vilém Flusser, é a tentativa de negar a influência moderna sobre a contemporaneidade. É negar todas as sentenças acima citadas. Na última etapa do seu livro, intitulada de “Penitência”, Flusser utiliza o método de análise comparativa da cena medieval com a contemporânea. As semelhanças são tidas como constantes, e as alterações, como variáveis. Uma em função da outra desfralda a alteração dos valores.

Segundo Flusser, o pensamento medieval tinha como empenho a transcendência da natureza, o objeto de desejo estava no além da materialidade e os anseios por

⁴⁷ Nietzsche criticava a cisão psicológica herdada culturalmente pelo ocidente religioso. Toda grandeza e força é tida como sobre-humana, e tudo o que é vil e pequeno é da ordem do humano (NIETZSCHE, 2008, p. 96). Nesse sentido, Nietzsche faz uma investigação para uma tentativa de superar essa condição de apequenamento. Assim, o autor desenvolve ao longo de sua obra o conceito de *Übermensch* (supra-homem) como esperança da transvalorização de todos os valores.



eternidade deixavam a própria natureza em segundo plano. A natureza guarda o aspecto de “constância” se comparada com a fugaz existência do ser: as estrelas, os montes ou até mesmo os oceanos já eram palco para a realidade de muitos antepassados há milhares de anos. Nascimento e morte são barreiras intransponíveis da natureza, são o eterno retorno do qual nossa condição não se repete. A noção de “política” para os gregos ou “público” para os latinos parte do princípio de que o *eu* é a variável e o outro é a constante. A natureza é o rio das almas, e sua variação de significado está atrelada à projeção simbólica que a cultura faz como instalação na circunstância. O sol, que para a cultura grega clássica era um deus, para o pensamento moderno faz parte de um outro tipo de modelo. O sol em si não deixou de existir, mas o modo de se relacionar com o astro, dada a semiose cultural, foi modificado.

O conceito de cultura e seus objetos, no período medieval, guardava a meta sobrenatural quando sobre as coisas se imprimia o testemunho da imortalidade. O vaso feito pelo oleiro, por exemplo, era decorrente de uma forma universal impressa na matéria. A causa final, ao estar atrelada ao sobrenatural, fazia das coisas da cultura um abrigo para o ser, pois comungavam com a noção comum de eternidade⁴⁸. A sociedade moderna concebeu a cultura como superação da natureza. Dialeticamente, o ser histórico vai de encontro às coisas constantes da natureza a fim de superá-las e imortalizar-se na constância da cultura. “O humanismo é, no fundo, o resultado da comparação da efemeridade da existência com a constância da natureza” (Flusser, 2017, p. 218).

Na sociedade pós-industrial⁴⁹, a distinção ontológica entre natureza e cultura está desaparecendo. A cultura desenvolveu aspectos do eterno retorno e é vivenciada ciclicamente⁵⁰. A cultura se processa em ritmo sincopado, se dá aos saltos e ciclicamente reincorpora o ponto de partida numa leitura retroativa.

Culturalmente somos mais condicionados às coisas artificiais do que naturais. Entre a lua e um satélite artificial nos inclinamos mais para o segundo. A experiência com a natureza passou a ser cumulativa. A lua é potencialmente uma mina de recursos

⁴⁸ Heidegger tem um argumento semelhante no livro “A Questão da Técnica” (Heidegger, 2020, p. 41).

⁴⁹ Referência ao atual período em que vivemos. Este conceito se refere aos processos de desenvolvimento tecnológicos ocorridos principalmente na área da comunicação, após a Segunda Guerra Mundial.

⁵⁰ O sintoma estético do retrô é um exemplo disso.



naturais, e a safra da plantação pode ser acelerada e potencializada. O eterno retorno diante da natureza passou a ser relativizado. A natureza aculturou-se.

Vida é a sensação de espanto em face da natureza pela qual passo no meu caminho. Morada é a sensação de confiança que tenho nas coisas da cultura a me protegerem contra o espanto da natureza. Se não sei distinguir entre natureza e cultura, nenhuma coisa me espanta, e nenhuma coisa me causa confiança. (Flusser, 2017, p. 228)

Somos seres primitivos por sermos aterrorizados, no entanto somos seres decadentes, pois a cultura que a princípio tinha como meta a libertação do espanto da natureza passou a produzir terror frente à radioatividade e à automação dos aparelhos. Somos decadentes quando nos aterrorizamos com o próprio fruto da cultura.

Para analisar a atividade cultural a partir da consolidação do capitalismo (após a Revolução Industrial), é importante partir do conceito de valor e suas variações frente à natureza e frente à cultura. O conceito de “*worth*” é traduzido como valor intrínseco, é o valor relacional entre os seres humanos e com a natureza. O conceito de “*value*” é traduzido como valor de troca, é o valor das coisas da cultura entre si e as coisas da natureza (Marx, 2017, p. 114). Portanto, em sentido original, não há *value* intrínseco em uma coisa da cultura, pois este conceito remete ao quanto a coisa renderá.

Um valor intrínseco é como um axioma, trata-se de um conhecimento auto evidente que não necessita de demonstração. O século XIX, marcado por tal formulação ética da filosofia do valor, foi um período da História em que o mercado coincidia com os axiomas (Flusser, 2017, p. 241). O *valor intrínseco* assim o é, pois tem um aspecto ontológico do vir-a-ser: confere um significado para a ação. As coisas da natureza “são valiosas porque não estão presentes, mas devem estar presentes” (Flusser, 2018, p. 242). Nesse princípio ético do mercado, a natureza é o motivo-meta⁵¹ da ação geradora de uma transformação. Manipular a natureza é a transformação de futuro em passado, e conseqüentemente há um esvaziamento do seu significado original de valor intrínseco para dar lugar a um outro tipo de valor. Após a manipulação, que é uma tentativa de aperfeiçoamento da coisa para melhor adequação à circunstância, torna-se um objeto

⁵¹ Referência às quatro causalidades aristotélicas trabalhadas ao longo da obra *Metafísica* (causa matéria, causa formal, causa eficiente e causa final) em que a causa final é a causa das causas, é o motor propulsor da ação chamada assim de motivo-meta. Um oleiro ao fazer um vaso tem como causa material o barro, como causa formal o design idealizado, a causa eficiente é ele mesmo que fez a ação e a causa final é o porquê razão o motivou a fazer.



da cultura. Este produto acabado, ao ser disponibilizado para o mercado, tende a entrar numa disputa para provar o seu valor de troca.

A hierarquia dos valores é resultado de uma conversação geral, em que o outro é testemunha e fundo ontológico de tais convenções. Com a morte desse outro, além do luto como sintoma psicológico, o drama que ascende a nível cultural é o anulamento de uma testemunha que comungava dos mesmos valores. “Na morte do outro não choro a aniquilação de um outro, mas choro a aniquilação de um mundo” (Flusser, 2017, p. 244). Portanto, sob a natureza paira o reino dos valores, no qual a conversação tem como meta a adequação entre os dois campos. No período moderno, em que ainda era possível distinguir ontologicamente entre coisas da natureza e coisas da cultura, o trabalho humano era a fonte de todos os valores. O salto entre *worth* e *value* estava no ato de arrancar um pedaço da natureza e produzir um objeto da cultura. Se comparado com o período da Idade Média, em que os valores intrínsecos se projetavam sobre a eternidade, na qual alma e Deus eram valores supremos, a atividade humana era significativa, pois visava o transcendente. Já no período moderno, a vida como projeto e o imanente das coisas da natureza se tornaram valores intrínsecos. O trabalho era significativo ao conceber utilidade das coisas da cultura para a vida humana. Acontece que a vida como valor supremo não se sustenta quando o valor intrínseco e o valor de troca começam a ser confundidos.

O mercado, como campo verificador de todos os valores, induz ao constante barateamento das coisas da cultura, uma diminuição de todos os valores de troca chamada de *elevação do standard de vida*. Para o pensamento moderno, se a vida é o valor supremo intrínseco, tal elevação do *standard de vida* seria a realização do valor supremo. No entanto, a contemporaneidade tende para o desaparecimento de todos os valores de troca e as coisas da cultura tendem a ser gratuitas. O que foi preconizado pelas economias socialistas passa a ser também elaborado pelo neocapitalismo. A promessa do barateamento das coisas da cultura era a de que daria uma fluidez em seu consumo e conseqüentemente deixaria mais intensa a vida. Mas a sua prática diante do neocapitalismo tem o sentido oposta.

O exemplo que Flusser dá para a era pós-industrial é que, se uma pessoa assiste a um concerto todas as noites da sua casa, ao invés de consumir três durante a sua vida, este ser vivencia menos o valor existencial da música do que no segundo caso. A tese de



Flusser é a de que “a Idade Moderna não tinha valores intrínsecos, mas apenas valores de troca projetados para o reino dos axiomas” (Flusser, 2017, p. 249). Pois, quanto mais baratas as coisas da cultura se tornam, menos satisfação produz, e isso leva a duvidar da vida como valor em si. Para o autor, esse abandono do valor intrínseco é uma premissa para o declínio do pensamento moderno.

O homem moderno manipulava a natureza para transformá-la em instrumento. O homem atual faz parte da manipulação do aparelho, pela qual este se transforma em segunda natureza. A atividade do homem moderno era articulação da vontade humana. A pseudoatividade (por funcionamento) do homem atual é articulação da vontade do aparelho. (Flusser, 2017, p. 257)

Flusser detecta que o problema da falta de distinção ontológica das coisas da cultura e das coisas da natureza resulta na *ficção dos valores*. Lidar com as coisas somente como valor de troca borra a distinção ontológica, como, por exemplo, entre um cavalo e um automóvel, entre uma pedra e um sapato. O sintoma de embelezar as coisas da cultura como se fossem da natureza não foge desse sentido. “Somos engenheiros no reino da natureza, e jardineiros no reino da tecnologia” (Flusser, 2017, p. 251). A cultura como produto do aparelho deixou de ser valiosa e passou a ser valorativa. O ser que mantém diálogo constante com os aparelhos, que imitam a conversação humana, automatiza os valores e converte o ser em coisa do aparelho. O ser diante da tecnologia se tornou valioso ao invés de valorativo: é instrumento. Do ponto de vista dessa ontologia alfanumérica não há distinção entre parafuso e operário. A atividade cultural nesse contexto se revela como absurda, e a pergunta filosófica fundante para o século XX posta por Camus retorna: afinal, “por que não me mato?” (Camus, 2020, p.17).

Toda tentativa de resposta a essa pergunta fundante é uma articulação ontológica da qual a análise principal está na articulação do modelo do aparelho. O fundo ontológico é a busca pelo valor de ser. A cultura vigente enredou o ser como uma luva, e a noção de liberdade existencial é cada vez mais questionável. Além de funcionários, nosso lazer também é proporcionado por esse modelo de consumo dos objetos culturais. Isso quer dizer que a alegoria posta por Camus, em que faz um paralelo



entre o mito de Sísifo⁵² e a vida do funcionário, falha ao idealizar que aos finais de semana o funcionário tem a oportunidade de ser-para-si: de viver autenticamente (Camus, 2020, p. 137). Nosso divertimento também foi enredado. Os aparelhos impõem de modo sorrateiro sua vontade, e a realizamos sem darmos conta de que o produto cultural não é mais feito por desejo humano, mas por desejo do próprio aparelho. A vontade de poder⁵³, a nível dos aparelhos, está na capilaridade das áreas administradas por essa lógica que se multiplica a cada automatização da linguagem. A vontade do aparelho se tornou o destino do ser⁵⁴.

A vontade do aparelho

Flusser, influenciado pelo movimento modernista brasileiro, marcado pelo conceito de antropofagia⁵⁵ cultural, concebe a tecnologia como um aglutinar da natureza. Tal gesto produz dejetos que são instrumentos tecnológicos e excrementos da mente humana que têm a função de habitar os meios de comunicação. Em contexto da revolução pós-industrial, os instrumentos se agruparam no que o pensador chama de aparelho. Essa instalação cultural, que deveria nos abrigar, acaba por nos consumir, e passamos a ser aglutinados pela produção cultural vigente.

E sua contribuição involuntária para o Movimento Antropófago constituiu-se de vislumbrar a devoração da natureza e a vida promovida pela gula da técnica, transformando a vida em

⁵² Sísifo, na mitologia grega, foi um personagem humano sagaz que por desafiar os deuses foi condenado a carregar uma enorme pedra para o alto da montanha e rolar para baixo infinitas vezes. Camus faz uma analogia com a vida do trabalhador no século XX. Seu empenho diário é por uma conquista que nunca se consagra, revelando um aspecto absurdo para a realidade do trabalhador. Camus conclui que é necessário imaginar um Sísifo feliz. O personagem mítico, ao rolar a pedra morro abaixo, tem a oportunidade de ser-para-si. Camus compara o rolar da pedra como a jornada do trabalhador em dias úteis. Ao chegar ao topo da montanha e rolar a pedra, seria nos finais de semana em que o ser tem uma abertura de horizonte.

⁵³ Nietzsche desenvolve o conceito de vontade de poder como referência e subversão do conceito de vontade em Schopenhauer. Para este, a vontade é o vir-a-ser da natureza e a sua percepção é a raiz do sofrimento humano. Nietzsche, em sentido contrário, argumenta que a falta da percepção da vontade é que é a raiz do sofrimento humano. Ao longo do livro homônimo, Nietzsche investiga as causas da perda de potência como sintoma da modernidade.

⁵⁴ Nesse ponto Flusser dialoga com o argumento do Heidegger no livro “A questão da técnica”. Heidegger faz a concepção da técnica como um destino do Homem, não somente como um instrumento e um fazer humano: não é algo que está sob o poder do Homem, é algo sob o qual o Homem está sob o poder da técnica, e não “sobre” a técnica com seu poder. Nessa crítica à concepção instrumental e antropológica da técnica, Heidegger quer demonstrar que a técnica não é apenas um fazer humano, mas a técnica tem também a função de produzir o Homem. Portanto, nesse argumento se declina a hipótese de que o Homem está sob o completo domínio da técnica como formula a concepção antropológica (Heidegger, 2020, p. 50).

⁵⁵ O “Manifesto Antropofágico”, composto por Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, foi um marco da arte modernista brasileira. O texto de 1928 faz uma reflexão do aglutinar da cultura própria e estrangeira para dar um poder de resposta a nível nacional e internacional da arte moderna brasileira.



instrumentos, excrementos da mente (...). Assim, para aquele Flusser, o grande outro do homem é a natureza. E é ela que a cultura humana devora, mas imperfeitamente, incompletamente, deixando resíduos, detritos e lixo. (Baitello Junior, 2010, p. 19).

Como funcionário de aparelho, a condição existencial é alterada, no sentido de viver em função de um outro⁵⁶. A reflexão do ser-para-si, capaz de gerar uma conversação autêntica e de desvelar a estrutura do aparelho, não é útil para o seu funcionamento. Existir é o oposto de funcionar. Em sentido radical da etimologia da palavra latina (*ex-sistere*), existir significa "colocado fora" como um ser mundano: um ser-no-mundo (Heidegger, 2016, p. 13). Por essência, estamos fora de nossa centralidade. Conseguimos observar o palco da imaginação como dados imediatos da consciência. Nosso ser mais profundo (sublime) tem a natureza de se esconder, e o afeto da angústia⁵⁷ nos faz recordar. Pelo abstrair, somos capazes de ensimesmar que nada mais é do que lembrarmos que estamos vivos: de nos humanizar. Na perspectiva do aparelho, funcionar é dobrar a vontade própria em prol da do aparelho: é viver alterado. Segundo Gasset, ensimesmar é o caminho para torna-se aquilo que é, é o ser-para-si em sentido profundo. O contrário de ensimesmar é a *alteração*, que é a condição dos animais que vivem presos à organicidade, sem possibilidade de abstrair (Gasset, 2017, p. 535). Nessa perspectiva Flusser comenta a condição do funcionário: "(...) o funcionário não existe. Existir é projetar-se. O funcionário não se projeta, mas frequenta círculos, circula" (Flusser, 2017, p. 273).

O fenômeno que caracteriza a entrada no aparelho é o da admissão ao universo do trabalho. Flusser define a programação como a vontade do aparelho. Ao ser admitido no mercado de trabalho, o ser se despe de sua existência para funcionar dentro do aparelho. Em sentido existencial, não coexistimos com os aparelhos, pois estes não podem ser reconhecidos como um outro. Apenas podemos ser admitidos como funcionários ou nos demitir (Flusser, 2017, p. 274). O funcionário perfeito é aquele que não existe, apenas funciona. Se por acaso o funcionário tiver acumulado experiências

⁵⁶ Em latim, "alter" significa outro (Vieira, 2016, p. 31).

⁵⁷ Segundo Kierkegaard no livro "O conceito de Angústia" a importância da angústia está na sua função de mediar nossa relação com o Espírito, que é sinônimo de pura ação, e o oposto dessa relação, a não percepção da angústia só é possível na ignorância; na inocência (no sentido de sem ciência). Assim, a perda da inocência é um convite para o Ser se conhecer em profundidade. Quanto maior é a angústia no Ser, maior é a possibilidade de aprofundamento no quesito existencial. Kierkegaard (século XIX) é considerado o primeiro filósofo existencialista.



existenciais que desvelem a natureza do aparelho, ao ser admitido, é necessário um *engagement*. Trata-se de um sufocar deliberado do seu conhecimento do aparelho para ser funcionário.

A penitência filosófica posta por Flusser é a de dar continuidade à conversação que transcenda o aparelho, uma conversação que leve em consideração o *nada* recalcado por este modelo. Dizer que o funcionário não existe significa dizer que as categorias existenciais foram suprimidas e toda sentença para além do aparelho é ruído sem significado. A instalação do aparelho⁵⁸ busca encobrir o nada com pele de significado, e o pensamento crítico que articule uma metafísica é enfraquecido pela práxis do funcionário. A correlação que Flusser faz com o pensamento existencial é a de que “se a existência existe para a morte, o funcionário funciona para a aposentadoria” (Flusser, 2017, p. 277). O funcionário ao se aposentar é transferido para o departamento do consumo dos produtos do aparelho, que é o equivalente à morte.

Para analisar a carreira do funcionário, Flusser formula a relação bivalente entre ser e aparelho: o funcionário funciona porque frequenta círculos do aparelho, e o aparelho funciona porque seus círculos são frequentados. Pela ótica da carreira de um funcionário, Flusser designa 4 conceitos básicos para se pensar o trabalho de modo sistemático: frequência, repartição, promoção e férias remuneradas.

O termo *frequência* o autor toma emprestado da Física, com referência à segunda lei da termodinâmica⁵⁹, e teoriza a uniformidade do funcionário dentro do aparelho. Essa referência de *entropia* e *uniformidade* Flusser vai aplicar ao contexto do funcionário com os termos *ruído* e *redundância*. Do ponto de vista da comunicação, Flusser exemplifica que no português a letra “e”, por ser muito frequente, pode ser facilmente compreendida na palavra “LETRA”, mesmo que haja um erro de digitação

⁵⁸ Diálogo com o conceito *Gestell* de Heidegger no livro “A questão da técnica” traduzido como instalação ou armação. Tal conceito teve influência na concepção moderna de “instalação de arte” na qual o espectador experencia o objeto artístico em uma suposta imersão no próprio objeto. Do ponto de vista artístico, é pensar o objeto a partir da sua “*coisa-em-si*”. Tradicionalmente, a filosofia descreve e analisa seu objeto do conhecimento evidenciando seu método e caminho como um giro ao seu redor na impossibilidade de conhecer em absoluto a *coisa-em-si* (com ressalva ao pensamento dogmático): é possível analisar uma “cadeira”, mas é impossível saber o que é ser de fato uma cadeira, é impossível pensar como uma cadeira. Já no campo das artes, o ponto de vista é ocultado e o espectador se sente vigiado ontologicamente de todos os lados. A imersão em uma instalação de arte é o brincar de ser a essência das coisas, é a troca vetorial entre sujeito e objeto, na qual possibilita para o espectador, por exemplo, o pensar enquanto “cadeira”.

⁵⁹ A segunda lei da termodinâmica explica, por exemplo, como uma xícara de café quente torna-se fria com o tempo por tender a uniformizar-se com o ambiente que tem a temperatura mais baixa.



que resulte na grafia “L*TRA”. No entanto, se uma letra do alfabeto sânscrito aparecer num texto português sem que haja explicação é puro ruído de comunicação. Um texto para ser informativo deve conter um equilíbrio entre elementos redundantes e elementos ruidosos.

Portanto, a frequência mede a intensidade da carreira, e, quanto mais o funcionário frequenta os círculos do aparelho, mais tende a se uniformizar de acordo com a programação. O aparelho é um sistema informativo, informa a matéria-prima ao transformá-la em instrumento (Flusser, 2017, p. 284). O processo do funcionário é o movimento do ruído à redundância, da entropia à sensatez derradeira. A alta frequência do funcionário nos círculos do aparelho diminui a possibilidade do funcionário de projetar-se. Os círculos do aparelho fecham sua visão da morte; o funcionário não é absurdo, é sensato e redundante. Quanto mais o funcionário se torna redundante, mais este é substituível.

O aparelho funciona devido à redundância dos funcionários, e os funcionários funcionam como elementos redundantes do aparelho. A carreira é, portanto, o método de tornar redundante o funcionário, e a frequência da ocorrência do funcionário nos círculos é a medida da redundância alcançada (Flusser, 2017, p. 284).

O conceito de frequência é correlativo à categoria de tempo do sistema. Flusser formula uma nova concepção de *progresso* como a tendência do tempo do sistema do aparelho em ser menos informativo: a redundância derradeira. Já o correspondente à categoria de espaço é conceituado como “*repartição*”. “A repartição é o fundo ontológico do funcionário, e seus círculos são o fundo ontológico da sua carreira” (Flusser, 2017, p. 286). O funcionário se realiza na repartição pelo modo como foi projetado. A repartição é uma instalação na qual o funcionário habita, é a programação do sistema do aparelho. Programa é uma classe subordinada do aparelho, tem função específica, na qual o funcionário é um especialista. Um exemplo de repartição, por exemplo, é a política, a arte, a ciência etc.

A sugestão darwinista de adaptação não serve para esse modelo de funcionário, pois a repartição é a órbita que sobredetermina o funcionário. O modelo de funcionário só existe por conta da repartição. O que nos conduz a uma transversalidade do



conhecimento científico para a filosofia é a *ecologia*, no sentido de estudo dos meios⁶⁰. A repartição é o abrigo no qual o funcionário se desenvolve a seus moldes. Em outras palavras, a ecologia da programação é o que forma o funcionário. Este não se adapta ao meio, mas é sua realização: a programação é o destino do funcionário⁶¹, é o seu vir-a-ser. Isso quer dizer que uma amostra de um funcionário não pode ser analisada fora dessa estrutura, qualquer produto de tal análise seria uma falsificação de seu *eidós*. Isso ocorre por uma carência da possibilidade de metafísica ou absurdidade no funcionário. Este não existe, apenas funciona e não transcende o modelo da programação. A função da repartição é a de especializar o funcionário e impedi-lo de encontrar a si mesmo (Flusser, 2017, p. 290).

A próxima categoria do trabalho é a da promoção, que significa o salto entre órbitas de sua repartição e o salto de uma repartição a outra. O primeiro caso ocorre por uma tendência natural da frequência do funcionário nos círculos de trabalho. Em dado momento, quando ocorre um vácuo em outra instância da repartição, o funcionário é impelido a uma promoção dada a sua frequência. É interessante observar que o funcionário não habita o aparelho, ele circula vertiginosamente. Contrária ao conceito de circunstância, o círculo não abriga o funcionário, mas tende a fazê-lo saltar para fora dele.

Frequência, como medida de tempo, é o acúmulo da tendência ao salto, fruto de um circular repetitivo. Com a promoção, o funcionário adentra um novo tempo, com uma nova frequência. O ato de saltar é uma descarga da tensão acumulada que produzirá novo acúmulo de tensão feito um eterno retorno. Do ponto de vista do aparelho, a promoção funciona como um alívio da tensão insuportável do funcionário para transformá-lo em força propulsora do aparelho (Flusser, 2017, p. 291).

A promoção é a fuga de um ambiente para outro com valores pretensos para cada nível hierárquico como status a se atingir. O consumo cultural do nível mais elevado

⁶⁰ Flusser faz referência ao conceito filosófico οἶκος (*oikos*) da Grécia, no período clássico. Tem o significado de espaço, abrigo ou casa, composta de uma hierarquia familiar em sentido amplo (diferente da concepção moderna de família).

⁶¹ Flusser aqui faz um diálogo com a concepção técnica de Heidegger. No livro “A questão da Técnica”, Heidegger articula a concepção da técnica como um destino do Homem, não somente como um instrumento e um fazer humano: não é algo que está sob o poder do ser humano, é algo sob o qual o ser está sob o poder da técnica e não “sobre” a técnica com seu poder. Nessa crítica à concepção instrumental e antropológica da técnica, Heidegger quer demonstrar que a técnica não é apenas um fazer humano, mas a técnica tem também a função de produzir o ser humano.



se distingue do mais baixo numa espécie de valores objetivos sustentados por uma conversa fiada. Os pertencentes a uma determinada repartição se uniformizam por certos hábitos e consumos infundados. O gosto subjetivo é suprimido pelo gosto objetivo do ambiente: o funcionário gosta de tais coisas, pois seus pares também gostam, numa espécie de desejo mimético. A promoção é um salto na carreira na qual o funcionário é um nômade de tribos das quais não impõe valor algum, mas é valorizado pelo mercado. Nesse sentido o trabalho do funcionário é um novo tipo de escravidão. O ser é arrancado de suas raízes para adentrar um ambiente falso que não o abriga e não estabelece vínculos.

Os cargos mais altos, os administradores dos aparelhos, não vivenciam a escravidão do aparelho. A impressão de manutenção e calibragem como potências reguladoras tamponam tal visão do especialista. No entanto, os funcionários de alto escalão também são vítimas do modelo do aparelho, desde os chefes de estado até os gerentes de grandes corporações. O funcionário é instrumento de feedback do aparelho que, através desse método, se programa automaticamente.

Por fim, o conceito de férias remuneradas é a ilusão da transcendência do círculo da programação. Na Grécia Antiga e no Império Romano a libertação de toda atividade para contemplar as ideias era chamada de *bios theorétikos*⁶². Dentro do modelo do aparelho, a contemplação é o turismo do qual a distância do raio é relativa à hierarquia do funcionário e seu poder aquisitivo.

A aposentadoria é o fim da carreira. O funcionário, segundo o aparelho, é inutilizado, e sua vivência é liberada para o lazer. A concepção de lazer na Grécia, no período clássico, era viabilizada pelo trabalho escravo, do qual o trabalho braçal era o corpo social e os chamados homens livres estavam aptos a contemplar o seu lazer a fim de superar sua circunstância: sua preocupação era a política e a filosofia. O monge medieval, com votos de pobreza e castidade, aproveitava seu lazer com orações em busca da salvação de sua alma. Nesses dois exemplos a cultura fluía do lazer para a ação. Diante do modelo do aparelho, é possível perceber uma reversão desse fluxo. O lazer flui do funcionamento, com a produção de objetos culturais, rumo à aposentadoria que em tese é o mais apto ao consumo, dada sua pseudoliberalidade do trabalho. “No passado

⁶² βίος θεωρητικός.



era a cultura produto de lazer humano, e atualmente é ela artigo de consumo do lazer humano” (Flusser, 2017, p.308).

Aqui temos uma diferenciação entre o objeto técnico e o objeto artístico⁶³. O objeto técnico é produzido por funcionários especializados na repartição técnica do aparelho, a fim de ser consumido pelo funcionário durante a sua carreira. Já o objeto artístico é produzido por funcionários especializados na repartição cultural do aparelho, destinado para o funcionário de férias remuneradas e para os aposentados. No entanto, com o processo de automação, os objetos técnicos são cada vez mais produzidos pelo aparelho, que, por sua vez, produzirá objetos artísticos como estamos presenciando com a inteligência artificial. A função desses objetos, tanto técnicos quanto artísticos, é esconder o absurdo do aparelho. O artista, sendo funcionário especializado, não é um artista do absurdo: no sentido de ter como ponto de partida o nada como abertura para o mundo. Na perspectiva do funcionário, o ponto cego causado pelo aparelho é o ser-para-si. “Tornar-se aquilo que é” tornou-se uma condição murada pelo aparelho. “A função do artista é fortificar a sensação da realidade nos consumidores. A arte é “realista” se e quando cumpre essa função, já que a realidade atual é o aparelho” (Flusser, 2017, p. 312).

O conceito de pós-história, que se prefigura na obra de Flusser como um todo, é o reconhecimento da crise dos modelos na modernidade e, diante de tal relativismo e com a automação da linguagem humana, instaurou o aparelho como um modelo totalitário que não aceita outro agindo em conjunto. Diante do aparelho o ser é funcional, sua completa execução é antiabsurda, cega para as possibilidades de desenvolvimento de um pensamento reflexivo existencial: ser-para-si, ser-para-o-outro e ser-para-a-morte são prejuízos para o funcionamento. A pós-história é o horizonte fechado dentro de um aparelho, em que o ser deixa de ser um ser histórico para funcionar dentro de uma circunstância automatizada. Segundo Flusser, a saída para a transcendência deste modelo está na possibilidade de o ser se tornar um demissionário do modelo, negar a aposentadoria epistêmica que o aguarda. Outra saída também se dá pela sua incompletude em países subdesenvolvidos, na qual as guerras são um

⁶³ Τέχνη (*téchne*) é o termo em grego que foi traduzido para o latim como *ars*. Arte e técnica tinham no universo greco-romano antigo o mesmo sentido: “o saber fazer” com forte referência às questões manuais. A arte passou a se distinguir da técnica a partir do Renascimento (século XIV), quando surgiu o conceito de belas artes e as máquinas tiveram função de poupar o esforço humano.



empecilho para a sua conclusão. A demissão do aparelho é o anseio por uma nova linguagem que seja compatível com a natureza humana.

Vivemos em uma circunstância desumana, seguimos uma ontologia alfanumérica que não nos abriga culturalmente. Presenciamos uma circunstância inimaginável. Sabemos que estamos dentro de um modelo do aparelho quando o que nos cerca deixa de ser meramente coisa extensa e passa a ser instrumento, funciona sistematicamente. A metáfora da fuga demissionária é uma tentativa de se rebelar a essa condição.

A tecnologia, ao ser criada pelo ser humano, guarda seu aspecto antropológico como nascente da programação. Porém, com o processo de automação pelo método do feedback, a evolução se deu de forma acelerada dada sua falta de inibição e crença fundante. A condição humana é marcada pela fé, em sentido amplo, seja fé na religião, na ciência ou na filosofia como um sistema de sentenças. Isso quer dizer que na sentença “o sol nasceu essa manhã, assim como há bilhões de anos” nos leva a crer que o sol nascerá amanhã. No entanto, se, ao invés de nascer o sol, nascer um outro astro, esse fenômeno causaria um espanto na humanidade, em que sua crença deveria ser atualizada em sentido teórico. Do ponto de vista da programação isso não ocorre; o fato inédito somente iria incorporar num cálculo probabilístico sem que isso alterasse o seu funcionamento. “O aparelho é um sistema totalmente aberto a novas informações, justamente por estar totalmente fechado ao transcendente” (Flusser, 2017, p. 242).

Desse modo, com sua alta velocidade de processar a informação, houve uma reversão do sentido da programação na qual o ser passou a ser programado. O repertório do funcionário é infinitamente menor do que o do aparelho. Mesmo o programador, o engenheiro da tecnologia, é um mero administrador que também está debaixo da ontologia alfanumérica. Para o aparelho, não há crenças fundantes, só existe a meta de eliminação dos ruídos da comunicação. A vontade do aparelho é transformar todas as sentenças de informações conhecidas e, portanto, redundantes. É o mesmo que dizer que a meta é transformar tudo em insignificante por não ser informativo. É nesse sentido que o aposentado desemboca, no final de sua carreira, em um campo estabilizado, desprovido de espanto. Essa é a crítica de Flusser ao sentido formal da aposentadoria. O ser desprovido de espanto encontra a miséria da existência da qual os principais sintomas são o tédio, a despreocupação e a inautenticidade do ponto de vista



do projetar-se sobre a realidade. O significado se tornou uma função semântica do aparelho.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. **Metafísica** (v. II). São Paulo: Edições Loyola, 2015.
- BAITELLO JUNIOR, N. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.
- CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro, RJ. Record, 2020.
- FLUSSER, V. **Pós-História**: vinte instantâneos e um modo de usar. São Paulo: É Realizações, 2019.
- FLUSSER, V. **Último Juízo**: Gerações I. São Paulo: É Realizações, 2017.
- FLUSSER, V. **Último Juízo**: Gerações II. São Paulo: É Realizações, 2017.
- HEIDEGGER, M. **A questão da técnica**. São Paulo: Paulus, 2020.
- KIERKEGAARD, S. **O Conceito de angústia**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.
- MARX, K. **O Capital**. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- ORTEGA Y GASSET, J. **Obras Completas**. Madrid: Taurus, 2017.
- ROUSSEAU, J.-J. **Escritos sobre a política e as artes**. São Paulo: Ubu, 2019.
- RUSSELL, B. **Conhecimento humano**. São Paulo: Unesp, 2018.
- VIEIRA, J. L. **Dicionário latim-português**: termos e expressões. São Paulo: Edipro, 2016.

